

John Steinbeck

UM DIÁRIO  
RUSSO

COM FOTOGRAFIAS DE  
Robert Capa

*tradução de*  
Francisco Agarez

LIVROS DO BRASIL

## CAPÍTULO 1

Será necessário começar por dizer como começou esta história e como começou esta viagem, e qual era o seu propósito. Em finais de maio, eu, e o pronome é usado por especial acordo com John Gunther, estava sentado no bar do Hotel Bedford, na East Fortieth Street. Uma peça que havia escrito quatro vezes tinha-se dissolvido e escorrido por entre os meus dedos. Estava sentado ao balcão a pensar no que havia de fazer a seguir. Foi nesse momento que Robert Capa entrou no bar com um ar vagamente desconsolado. Uma partida de póquer em que andava a pensar havia vários meses tinha-se realizado finalmente. O seu livro tinha entrado em impressão e ele via-se sem nada que fazer. Willy, o *barman*, simpático como sempre, sugeriu um *Suissesse*, bebida que ele prepara melhor do que ninguém no mundo inteiro. Andávamos deprimidos, não tanto com as notícias como com a forma como eram dadas. Porque as notícias já não são notícias, pelo menos aquelas que atraem mais atenção. As notícias transformaram-se em matéria de opinião especializada. Um homem sentado a uma secretária em Washington ou Nova Iorque lê os telegramas das agências e reformula-os de acordo com o seu próprio quadro mental e dá-lhes um título. Aquilo que muitas vezes lemos como notícia não é mais do que a opinião de um entre meia dúzia de especialistas sobre o que essa notícia significa.

Willy pousou os dois *Suissesses* verde-claros à nossa frente e começámos a conversar sobre o que ainda havia no mundo que um homem honesto e de espírito aberto pudesse fazer. Todos os dias os jornais publicavam milhares de palavras sobre a Rússia. O que Estaline estava a fazer dela, os planos do estado-maior russo, a disposição das tropas no terreno, as experiências com armas atómicas e mísseis teleguiados, tudo isto escrito por pessoas que nunca lá tinham estado, e cujas fontes não eram isentas

de crítica. E ocorreu-nos que havia coisas na Rússia sobre as quais ainda ninguém havia escrito, e que eram aquelas que mais interessavam. O que é que as pessoas vestem? O que é que comem ao jantar? Convivem? Que alimentos existem? Como fazem amor, como morrem? Conversam sobre quê? Dançam, e cantam, e divertem-se? Os filhos vão à escola? Pareceu-nos que era capaz de ser uma boa ideia descobrir estas coisas, fotografá-las e escrever sobre elas. A política russa é tão importante como a nossa, mas certamente lá, tal como cá, existe o outro grande lado. Os russos têm certamente vida privada e sobre isso não sabíamos nada, porque ninguém escreveu nada sobre ela, e ninguém a fotografou.

Willie preparou mais um *Suisse* e concordou connosco em que talvez também estivesse interessado neste tipo de coisas e gostaria de ler sobre elas. E foi assim que resolvemos tentar fazer um trabalho de reportagem simples, apoiado por fotografias. Trabalharíamos juntos. Evitaríamos a política e as questões maiores. Manter-nos-íamos longe do Kremlin, dos militares e dos planos militares. Queríamos chegar ao povo russo, se pudessemos. É preciso reconhecer que não sabíamos se poderíamos ou não, e quando falávamos no assunto aos nossos amigos era certo e sabido que eles nos diziam que não podíamos.

Preparámo-nos da seguinte maneira: se pudessemos fazer a reportagem seria bom, seria uma boa história. E se não pudessemos teríamos na mesma uma história, a história de não termos podido fazê-la. Foi com esta atitude que telefonámos a George Cornish, do *Herald Tribune*, almoçámos com ele e falámos-lhe do nosso projeto. Ele concordou que era uma boa ideia e ofereceu-nos ajuda em tudo o que pudesse.

Em conjunto decidimos várias coisas: não iríamos de pé atrás e tentaríamos não ser críticos nem favoráveis. Tentaríamos fazer uma reportagem honesta, registar aquilo que víamos e ouvíamos sem fazermos comentários, sem tirarmos conclusões sobre coisas de que tínhamos um conhecimento insuficiente e sem nos irritarmos com as demoras da burocracia. Sabíamos que ia haver muitas coisas que não íamos compreender, muitas coisas de que não íamos gostar, muitas coisas que iam deixar-nos desconfortáveis. É o que acontece sempre num país estrangeiro. Mas decidimos que, se

criticássemos alguma coisa, seria depois de a termos testemunhado, não antes.

Em devido tempo seguiram para Moscovo os nossos pedidos de visto, e o meu chegou dentro de um prazo razoável. Fui ao consulado da Rússia em Nova Iorque e o cônsul-geral disse-me: «Concordamos que se trata de uma boa ideia, mas porque é que há de levar um fotógrafo? Temos muitos fotógrafos na União Soviética.»

E eu respondi: «Mas não têm nenhum Capa. Para se fazer isto tem de ser como um todo, um trabalho em colaboração.»

Houve alguma relutância em autorizar a entrada de um fotógrafo na União Soviética e nenhuma em autorizar a minha entrada, coisa que nos pareceu estranha, porque a censura pode controlar a película, mas não pode controlar a cabeça de um observador. É altura de explicar uma coisa que se confirmou durante toda a nossa viagem. A máquina fotográfica é uma das armas modernas mais assustadoras, em particular para quem esteve em guerra, para quem foi bombardeado, porque na origem de um bombardeamento está invariavelmente uma fotografia. Na origem de vilas, cidades e fábricas em ruínas há um reconhecimento aéreo feito pelo atacante, normalmente com uma máquina fotográfica. Daí que a máquina fotográfica seja um instrumento temido, e um homem com uma câmara seja suspeito e vigiado onde quer que esteja. E, se o leitor não acredita, tente aproximar-se com a sua Brownie n.º 4 de Oak Ridge, ou do Canal do Panamá, ou de qualquer uma das nossas cem instalações experimentais. Na cabeça da maioria das pessoas a câmara precede a destruição e é suspeita, e com razão.

Não creio que nem eu nem Capa alguma vez tivéssemos pensado verdadeiramente que íamos conseguir fazer aquilo que nos propúnhamos. Tê-lo conseguido foi uma surpresa tão grande para nós como para qualquer outra pessoa. Ficámos surpreendidos quando recebemos os vistos, e nesse dia fizemos uma discreta celebração, com Willy do outro lado do balcão. Por essa altura eu tive um acidente e parti uma perna, e fiquei incapacitado durante dois meses. Mas Capa foi tratando de reunir o equipamento.

Havia muitos anos que nenhum americano fotografava a União Soviética, e por isso Capa muniu-se do que havia de melhor em matéria de equipamento fotográfico, tudo em duplicado para o caso de se perder alguma coisa. Levou a Contax e a Rolleiflex que tinha usado durante a guerra, evidentemente, mas também muitas outras. Levou tanto material, e tantos rolos de película, que o preço do excesso de carga no voo intercontinental rondou os trezentos dólares.

Quando se soube que íamos à União Soviética fomos bombardeados com conselhos, advertências e avisos, quase todos, diga-se de passagem, vindos de pessoas que nunca lá tinham estado.

Uma idosa disse-nos em tons apavorados: «Para quê? Vocês vão desaparecer, mal atravessem a fronteira desaparecem.»

E nós respondemos, em nome da informação fidedigna: «Conhece alguém que tenha desaparecido?»

«Não», disse ela, «pessoalmente não conheço ninguém, mas já desapareceu muita gente.»

E nós dissemos: «Até pode ser verdade, não sabemos, mas pode dar-nos o nome de alguém que tenha desaparecido? Conhece alguém que conheça alguém que tenha desaparecido?»

E ela replicou: «Desapareceram milhares de pessoas.»

E um homem com sobranceiras de pessoa informada e olhar penetrante, o mesmo homem, aliás, que dois anos antes tinha divulgado no Stork Club todos os planos para a invasão da Normandia, disse-nos: «Bem, isso é sinal de que têm excelentes relações com o Kremlin, caso contrário não os deixavam entrar. Eles devem tê-los comprado.»

Nós dissemos: «Não, tanto quanto sabemos não nos compraram. O nosso único propósito é fazer um bom trabalho de reportagem.»

Ele levantou os olhos franzidos e fitou-nos. E acredita naquilo em que acredita, e o homem que há dois anos conhecia as intenções de Eisenhower conhece agora as de Estaline.

Um idoso acenou-nos com a cabeça e disse: «Vão torturá-los, é isso que lhes vão fazer; levam-nos para uma prisão escura e torturam-nos.

Torcem-lhes os braços e fazem-nos passar fome até que estejam dispostos a dizer tudo o que eles querem ouvir.»

Nós perguntámos: «Porquê? Para quê? O que é que iam ganhar com isso?»

«Fazem isso a toda a gente», disse ele. «Ainda há dias li um livro ... »

Um homem de negócios de considerável importância disse-nos: «Com que então vão a Moscovo? Levem umas bombas e lancem-nas em cima dos filhos da puta dos vermelhos.»

Inundaram-nos de conselhos. Disseram-nos que comida levar, se não quiséssemos morrer à fome; que linhas de comunicação deixar abertas; que métodos secretos devíamos usar para trazeremos de volta o nosso material. E o mais difícil de explicar era que só queríamos relatar como eram os russos, e como se vestiam, e como se comportavam, de que é que os agricultores falavam, e o que estavam a fazer para reconstruir as zonas destruídas do seu país. Era o mais difícil de explicar. Descobrimos que havia milhares de pessoas que sofriam de moscovite aguda — um estado que permite acreditar em qualquer absurdo e recusar qualquer facto. É claro que viemos a verificar mais tarde que os russos sofrem de washingtonite, que é a mesma doença. Descobrimos que, da mesma forma que nós imaginamos os russos com cornos e cauda, também para eles nós temos cornos e cauda.

Um taxista disse-nos: «Esses russos tomam banho todos juntos, homens e mulheres, sem roupa.»

«Ai tomam?»

«Tomam, tomam», disse ele. «Isso não é moral.»

Fizemos-lhe umas perguntas e percebemos que tinha lido uma descrição de uma sauna finlandesa. Mas estava furioso com os russos por causa disso.

Ouidas todas estas informações, chegámos à conclusão de que afinal o mundo de Sir John Mandeville não desapareceu, de que o mundo dos homens com duas cabeças e das serpentes voadoras não desapareceu. E, de facto, enquanto estivemos fora apareceram os discos voadores, que vieram confirmar a nossa tese. E agora parece-nos que a tendência mais

perigosa do mundo é o desejo de acreditar em boatos em vez de exigir factos.

Fomos para a União Soviética com o melhor fornecimento de boatos que alguma vez foi reunido num único lugar. E nesta peça insistimos num ponto: se nos fizermos eco de algum boato, identificá-lo-emos como tal.

Bebemos um último *Suissesse* com Willy no bar do Bedford. Willy tinha-se convertido num parceiro a tempo inteiro do nosso projeto, enquanto os *Suissesses* iam ficando cada vez melhores. Willy deu-nos conselhos, alguns dos melhores conselhos que recebemos. Gostava de ter ido connosco. E talvez tivesse sido bom. Preparou-nos um enorme *Suissesse*, bebeu connosco, e finalmente estávamos prontos para partir.

Willy disse: «Atrás do balcão aprendemos a ouvir muito e falar pouco.»

Nos meses que se seguiram pensámos muitas vezes em Willy e nos seus *Suissesses*.

Foi assim que tudo começou. Capa regressou com perto de quatro mil negativos, e eu com várias centenas de páginas de apontamentos. Pensámos muito na forma de relatar esta viagem e, depois de muito conversarmos sobre isso, decidimos escrevê-la tal como aconteceu, dia a dia, experiência a experiência, cena a cena, sem compartimentações. Escreveremos aquilo que vimos e ouvimos. Sei que isto vai ao arrepio de uma grande parte do jornalismo moderno, mas precisamente por isso talvez seja um alívio.

O que aqui fica é exatamente aquilo que nos aconteceu. Não é a história russa, é simplesmente *uma* história russa.